

## DA LINGUÍSTICA À ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

### FROM LINGUISTICS TO DIALOGIC ANALYSIS OF DISCOURSE: CONTRIBUTIONS TO THE STUDIES OF SPEECH

Sônia Virginia Martins Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** Análise de dois grandes movimentos nos estudos da linguagem, com o início no campo da linguística e o estudo da língua, como manifestação técnica da linguagem, a partir do recorte epistemológico saussureano, que constituiu o sistema abstrato como objeto de estudo. O outro caminho, o da translinguística, sob a perspectiva bakhtiniana e sua concepção dialógica da linguagem, propõe o discurso como objeto de estudo. No contexto brasileiro atual, a análise dialógica do discurso faz-se herdeira da translinguística ampliando as fronteiras da linguística. Assim, linguística e translinguística, no trato com a língua e com a linguagem, podem ser vistas numa relação de contiguidade nos estudos das práticas de linguagem.

**Palavras-chave:** Linguística. Análise dialógica do discurso. Estudos da linguagem

**Abstract:** Analysis of two great movements in the studies of speech, beginning with the field of linguistics and the study of language as technical manifestation of speech, starting from the saussurian epistemological profile that composed the abstract system as object of study. The second path, that of translinguistics, under the bakhtinian perspective and dialogic conception of speech, puts forward the discourse as object of study. In the current brazilian context, the dialogic analysis of discourse is heir of the translinguistics expanding the frontiers of linguistics. With this in mind, linguistics and translinguistics, in relation to language and speech, can be seen in a relation of contiguity in the studies of practices of speech.

**Keywords:** Linguistics. Dialogical analysis of discourse. Studies of speech

#### 1. A perspectiva linguística nos estudos da linguagem: da superação da língua- imanência aos desafios teóricos da língua-discurso<sup>2</sup>

##### 1.1 A língua-instrumento

Ao assegurar, em suas reflexões epistemológicas, que em outras ciências trabalha-se com objetos prévios, os quais podem ser investigados, posteriormente, sob vários pontos de vista, Saussure ([1916]1995) pontua que na linguística não é esse o *modus operandi*. Em seus estudos, o linguista genebrino indica a precedência do ponto de vista sobre o objeto

<sup>1</sup> Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns e-mail: [soniavmpereira@gmail.com](mailto:soniavmpereira@gmail.com)

<sup>2</sup> Estabelecemos uma oposição entre língua-imanência e língua-discurso, no sentido de que esta última transcende o aparato linguístico da língua, enquanto aquela se fecha em sua interioridade, vedada no código linguístico. Imanência é o oposto de transcendência e estes termos nos servem para descrever o que representa a língua isolada de seu uso e a língua concebida numa dimensão externa ao código, o que nomeamos como língua-discurso.

(SAUSSURE, [1916]1995, p. 15), diretriz para se analisar um fenômeno linguístico-discursivo, seja sob a ótica da linguística ou de teorias enunciativas e discursivas. Mesmo com esse princípio estabelecido, o linguista restringiu o objeto de estudo da linguística ao sistema de signos, à instituição semiológica, visto que, na sua compreensão, este seria o traço que possibilitaria definir a ordem signica interna como objeto particular da linguística. Com tal restrição, o social e o histórico foram classificados como ordem externa.

Discorrer sobre a perspectiva linguística da linguagem, a partir da perspectiva saussureana, recobre duas finalidades neste estudo. A primeira, diz respeito à importância de seus estudos para a composição de um estruturalismo linguístico, numa vertente europeia, que estabeleceu a linguística como uma ciência, sob uma modelagem positivista. Essa definição do papel da linguística foi decisiva para a área, que, antes do século XIX, período em que a disciplina estava distante de um caráter científico, mantinha seus estudos sob o domínio de reflexões empíricas sobre a própria condição da linguagem, apresentadas por meios de glossários e gramáticas. A segunda finalidade refere-se aos contornos dados às concepções de língua e de linguagem na ciência delineada por Saussure (*idem*), que consubstancia uma língua imanente.

Ao discorrer sobre o chamado estruturalismo saussureano, Câmara Jr (1967) introduz seu estudo recorrendo a uma epígrafe constante numa antologia de trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, na qual o autor citado na referida epígrafe, Paul Garvin, afirma ser o estruturalismo um ponto de vista epistemológico, não sendo nem teoria, nem método. Essa visão tem sua pertinência, uma vez que congrega outra ideia, a de que o estruturalismo nasce da observação de que uma noção teórica, em um dado sistema é determinada pelas demais noções do mesmo sistema, nada significando por si só isoladamente.

Na visão de Câmara Jr (*idem*), o estruturalismo é uma posição científica geral para as diversas áreas do conhecimento humano que abrange o estudo da natureza e do homem em sua criação natural, nesta última, incluindo-se o estudo linguístico (CÂMARA JR, 1967, p. 2). O estruturalismo nasceria, assim, no interior da epistemologia e seria uma síntese hegeliana da oposição dialética entre o empirismo e o idealismo, que parte de uma construção a priori.

O pensamento estruturalista sustenta que fatos isolados não são passíveis de conhecimento, visto que a significação depende de uma relação. Daí a impossibilidade de se isolar fatos, somando-os posteriormente e nem a construção de um conjunto para a divisão em seus fatos. É o que defende Câmara Jr. (*idem*), nos seguintes termos:

Fatos, para o estruturalismo, são sempre partes de um todo e só como tais, e em referência ao todo, podem ser apreciados. O princípio essencial é de que não há para

o nosso conhecimento coisas isoladas. Há sempre uma estrutura, isto é, uma inter-relação de coisas, que dela tiram o seu sentido. (CÂMARA JR, 1967, p. 2)

A partir dessa definição de estruturalismo temos outro conceito que se estabelece como seu princípio geral, o de estrutura, que difere tanto do conceito de conjunto, em que as unidades componentes apenas são justapostas, quanto do de síntese, em que as unidades se fundem e desaparecem numa unidade maior. Em geral, tomamos como sinônimos estrutura e sistema, mas, na distinção entre ambos, entendemos que o sistema, como conceito científico, pressupõe uma estrutura, pelo feixe de relações mantidas por seus elementos componentes, em que tais elementos são vários e se complementam em suas relações. É uma estrutura em que as partes estão adequadamente distribuídas, as quais se associam e se completam. Uma estrutura é condição anterior e necessária para a existência de um sistema e ela sempre o pressupõe potencialmente. A forma resulta da estrutura, pois as interrelações dos constituintes estruturais estabelecem uma configuração formal.

De modo geral, obter uma forma no objeto a estudar foi a primeira diretriz do estruturalismo saussureano, tal como ilustrado pelo conceito de morfologia, o estudo da forma, que faz parte da terminologia científica, não só linguística. Nesse enquadre, a língua é uma unidade conceitual e, como unidade, é formada por unidades menores, sendo estudada, geralmente, sob o prisma do método idealista ou do positivista.

A teoria da forma linguística, desenvolvida por Humboldt, citado por Oliveira (1996), ajuda-nos a entender a concepção estrutural da linguagem, visto que para ele, na interpretação da autora, a forma estava relacionada à configuração ideal, o que lhe facilitava a criação de um objeto mentalmente existente, sem uma existência concreta. Isso indica sua concepção sobre a ligação entre linguagem e pensamento, vistos como interdependentes e inseparáveis, os quais se desenvolveriam em paralelo, sem hierarquia ou causalidade de um sobre o outro. Assim, ambos teriam uma origem comum, conforme interpreta Robins (1979).

O paralelismo, entretanto, não elimina a interdependência, pois são tomados como objetividade e subjetividade – em si uma só e mesma coisa. O que os torna diferentes é a ação autônoma da reflexão que opõe um ao outro. A língua consistiria, então, no esforço permanentemente reiterado do espírito de capacitar o som articulado para a expressão do pensamento, conforme Humboldt *apud* Oliveira (*idem*).

As bases fornecidas pela teoria de Humboldt foram tão importantes para a constituição de um objeto de estudo para a linguística que Volochínov<sup>3</sup> ([1929]1997) o considerou como o

<sup>3</sup> Há uma grande variação na grafia do nome de Volochínov, nas traduções brasileiras e nos estudos brasileiros, tanto entre edições, quanto numa mesma edição, como é o caso da edição que estamos utilizando neste texto, de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 1997, na qual é apresentada, na capa, a grafia Volochinov e na folha de

mais notório representante do subjetivismo idealista, por ter estabelecido os fundamentos desta corrente: “A influência do poderoso pensamento humboldtiano ultrapassa em muito os limites da tendência que acabamos de descrever. Pode-se dizer que toda a linguística após ele, e até nossos dias, encontra-se sob sua influência determinante.” (VOLOCHÍNOV, 1929/1997, p. 73).

De acordo com o linguista russo, é próprio do subjetivismo idealista considerar como fundamento da língua o psiquismo individual, restringindo as regras da linguagem a uma psicologia individual. Naquela corrente, a língua é um fluxo instável de atos de fala e, a enunciação, algo singular, não repetível. Entretanto, é possível depreender traços repetíveis nas enunciações, os quais garantem a unidade da língua e sua compreensão nos diversificados grupos linguísticos.

Opondo-se ao subjetivismo idealista, Volochínov (*idem*) assevera que para essa abordagem a realidade da língua é o ato de criação individual da fala, mas o teórico russo não nega a complexidade do pensamento humboldtiano, no qual ressalta a profundidade e, também, algumas contradições, peculiaridades do linguista alemão, que pode ser considerado mentor de correntes teóricas diversificadas e divergentes entre si.

Humboldt, na visão de Oliveira (*idem*), parece questionar a ideia de uma estrutura invariante e, ao manifestar essa ideia, levanta algumas hipóteses:

- i) se as línguas, em sua diversidade, representam percepções também diversas, estas línguas teriam estruturas diferentes;
- ii) se a língua é *energeia*, atividade e não *ergon*, obra acabada, é aceitável o pressuposto de que é constitutivo da língua o processo de variação.

Para Saussure (*idem*), a linguagem “possui um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1995, p. 16). Já a língua, objeto principal na linguagem, é um “conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995, p. 17). Entretanto, “a língua não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa [social] ela existe por completo” (SAUSSURE, 1995, p. 21).

Nas aproximações entre o pensamento dos dois linguistas, destacamos o posicionamento do linguista genebrino no que tange à interrelação entre as dimensões individual e social da linguagem, aceita também por Humboldt. O distanciamento entre os

---

rosto, como também, na introdução, assinada por Marina Yaguello, está grafado Volochínov. Nossa opção é pela grafia com acento agudo.

dois ocorre quando Saussure (idem) defende que a língua não pode existir na sua completude no indivíduo, mas tão somente na massa social. Diferentemente disso, Humboldt advoga que cada língua é comparável a um indivíduo, originando-se desse fato sua completude, uma vez que seria impossível a criação de uma língua incompleta, assim como um indivíduo incompleto.

No intento de refletir sobre o trajeto dos movimentos de uma linguística consolidada como ciência, que opta pelo aparato técnico da linguagem – a língua estática, imanente –, para uma linguística interessada no que transborda a esse aparato e, inclusive o determina – o discurso, a língua em movimento –, cotejamos o pensamento de Saussure ([1916]1995) com o de Volochínov (idem), por manterem uma já conhecida relação, se não de oposição radical, pelo menos, de divergência epistemológica no trato com a língua e a linguagem. No estudo de Saussure (idem), tomado como o marco inicial da linguística moderna, vemos a seguinte reflexão sobre o fenômeno da linguagem humana:

Mas, o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, [1916]1995, p. 17)

No movimento epistemológico de Saussure, em sua filiação à ciência positivista, há a distinção produtiva entre linguagem e língua, esta sendo definida como o objeto de estudo da linguística e considerada, apenas, uma parte da linguagem. A partir desse fundamento, é aceita a ideia de que a linguagem humana não é o objeto de estudo da linguística, mas um recorte, uma parte isolada dessa linguagem se constitui como tal, a língua.

Ao defender que a língua é um “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, [1916]1995, p. 17) para Saussure, a língua é um produto homogêneo da linguagem, um conjunto de convenções, constituído instrumento por meio do qual os indivíduos podem exercitá-la. É por isso que, na visão saussureana, língua e linguagem não se confundem, dada a impossibilidade de se determinar a unidade da linguagem e de sua classificação, por ser “multiforme e heteróclita”; além de transitar sobre

diferentes domínios, seja na polaridade do individual *versus* social; seja na distinção das dimensões física, fisiológica e psíquica.

Devido à impossibilidade de um estudo científico da linguagem humana, Saussure (*idem*) determina que seja estudada a sua formatação técnica. Sob um outro olhar, que não o daqueles que veem no corte saussureano apenas as limitações da linguística, esse corte epistemológico pode ser visto como embrionário do que certas perspectivas de análises do discurso assumem na atualidade, ou seja, o não tratamento científico – na visão positivista de ciência – da linguagem humana, visto sua manifestação transdisciplinar, no diálogo entre campos diversificados de estudo para a constituição de objetos de análise. É um embrião constituído às avessas, que nasce da negação de Saussure e do reconhecimento deste linguista da impossibilidade de um tratamento científico da linguagem. Ponto de partida de onde emerge o que perspectivas teóricas pós-saussureanas definiram como seu objeto de estudo.

Da opção de Saussure (*idem*), em seu corte epistemológico, marca-se a redução dos espaços de atuação da linguística, limitada ao aparato técnico constitutivo das línguas, para ser reconhecida como ciência. Nessa limitação, é percebida sua insuficiência para tratar de questões ‘não científicas’, próprias da linguagem e que escapam à língua; e é esse território desabitado que o campo teórico das análises do discurso invade ampliando as divisas nos estudos da língua e da linguagem, os quais podem ultrapassar os modelos pré-estabelecidos de uma ciência pura.

Inserido no horizonte temporal de um positivismo ascendente, que determinava amplamente a produção científica do ocidente, o objeto da linguística é submetido ao método positivista, que modela como real e material só o que é mensurável, manipulável, num contraponto ao pensamento escolástico e metafísico que reinou na filosofia ocidental. A opção epistemológica de Saussure é por uma língua imanente, que basta a si mesma, uma vez que ela pode ser mensurada, quantificada, manipulada. Isto se constitui em um movimento fundador, a partir do qual outros decorrem na busca da compreensão sobre os fenômenos que recobrem a linguagem.

Além de distinguir a língua da linguagem, Saussure (*idem*) singulariza a fala, a qual igualmente descarta, na sua epistemologia linguística, pela sua já sabida compreensão de que a linguagem é algo impossível de se conhecer cientificamente. Assim, o estruturalismo saussureano estuda a língua sob o estatuto dos signos e de suas regras de combinação, e considera a fala como exercício individual circunscrito à língua. Desse modo, interdita tanto a linguagem, fenômeno social por excelência, quanto a fala, o uso individual da linguagem em

sociedade, como objetos de estudo da linguística. Dedicar-se unicamente ao estudo do instrumental que possibilita a fala.

Entretanto, ao contrário de desqualificar os estudos saussureanos, reconhecemos como fundamental a tomada de posição do linguista, pois esclareceu que a linguística não se presta a compreender a linguagem humana, se considerada a perspectiva de seu mentor, mas a língua como ferramenta técnica de realização da linguagem. Nisso, foram reguladas questões atinentes ao sentido, pois inseri-las implicaria lidar com o exterior desse instrumental técnico.

Em total coerência com sua premissa de que “não é o objeto que precede o ponto de vista, mas é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, [1916]1995, p. 15), Saussure cria seu objeto sob a ótica de que nem a linguagem humana nem a fala pode ser objeto de conhecimento científico. Campos teóricos que se aventuraram a preencher a lacuna deixada pelo estruturalismo saussureano, como os da semântica, primeiramente e, mais recentemente, o das teorias enunciativas e discursivas, são adjetivados como linguística ‘soft’, ‘macro’, ‘mestiça’, equivalente a nomeá-los como produzindo uma não linguística.

É inegável que o estudo da língua, como sistema abstrato, tem sua importância não apenas para as áreas disciplinares de uma linguística *strictu sensu*, mas, também, para as discussões em outras áreas dos estudos da linguagem. Entretanto, esse recorte não é suficiente quando se trata de conhecer a língua vivida em sociedade.

## 1.2 A língua-interação

Nos estudos da linguagem sob o enfoque da linguística, expostos neste texto, os movimentos discutidos não se fazem por ordem cronológica, pois optamos por trazer apenas duas visadas teóricas que se opõem, ainda que estejam sob um mesmo território disciplinar. Assim é que, nos limites dessas duas visadas, estamos refletindo sobre a língua instrumento, sob o viés estruturalista e a língua sob um viés sociointeracional, tomando os teóricos de referência de uma e de outra perspectiva, respectivamente, Saussure e pensadores russos<sup>4</sup>, em especial, Bakhtin, e suas divergências epistemológicas.

<sup>4</sup> A expressão ‘pensadores russos’ e outras equivalentes, ao longo da tese, substituem o que foi nomeado Círculo de Bakhtin. Investigações mais recentes negam a existência de um Círculo, cujo mentor seria Bakhtin, a exemplo da pesquisa de Sériot (2010), o qual pondera que essa nomeação adjetiva Bakhtin como mentor, guia, mestre, reservando aos demais pensadores a categoria de seguidores, discípulos do mestre. Nas palavras do pesquisador francês “l’expression « Cercle de Bakhtine » est une invention tardive et une dénomination apocryphe. Elle n’a jamais été employée par qui que ce soit à l’époque dudit « Cercle ». Elle engendre, du simple fait d’être proférée comme une évidence, l’illusion rétrospective que M. Bakhtine aurait été une sorte de leader, de chef charismatique d’un groupe à la stabilité institutionnelle reconnue. Elle contribue à l’édification du mythe, du Grand Récit [...]”. Em tradução livre: “a expressão ‘Círculo de Bakhtin’ é uma criação tardia e uma denominação suspeita. Ela nunca foi usada por qualquer um na época do dito ‘Círculo’ e gera, pelo simples fato de ser proferida como uma evidência, a ilusão histórica que M. Bakhtin era uma espécie de líder, um líder carismático de um grupo de reconhecida estabilidade institucional. A expressão contribui para a construção do mito, da Grande História [...]”. O estudo de Sériot (idem) sustenta que, apesar da imagem construída sobre o chamado ‘Círculo’, em torno de Bakhtin, havia, simplesmente, um grupo de intelectuais que comungavam das

Assim é que, após a reflexão sobre o objeto de estudo científico modelado por Saussure (idem) para a linguística, interessa-nos o que é apresentado em oposição a esse objeto para a construção de um outro, visto que neste trabalho refletimos sobre os fundamentos epistemológicos que constituíram a linguística e sobre os movimentos que expandiram a visão estruturalista nos estudos da língua e da linguagem, em especial, na disciplina proposta por Bakhtin, que se desdobrou na Análise Dialógica do Discurso – ADD, a partir de estudos brasileiros relacionados à teoria dialógica, desenvolvida por teóricos russos.

A despeito de outros movimentos que se opuseram ao corte saussureano, vemos nos empreendimentos teóricos de pensadores russos um salto qualitativo instigante, na tentativa de abarcar a linguagem como objeto de estudo. Críticos implacáveis de Saussure, que não aceitavam os postulados do linguista para a linguística, expõem suas contraposições ao estruturalismo saussureano ao longo de sua produção teórica, especialmente, Volochínov (idem), em *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Em sua visada teórica, os pensadores russos procuram entender o desenvolvimento da linguagem humana pelos indivíduos e, para tanto, optam pelo objeto excluído do estudo da linguística por Saussure (idem). Contrários a este linguista, entendem que só há um objeto real e material disponível para entender a linguagem humana e este é a atividade languageira, a fala em sociedade. Nisso, a língua, o objeto da linguística saussureana, é apenas um modelo abstrato, produzido pelo linguista a partir de um recorte da manifestação viva e real da linguagem.

O que os teóricos russos propõem em substituição ao objeto saussureano é sobre o que discutiremos no próximo subtópico.

### 1.2.1 A primazia do enunciado sobre o signo como unidade de estudo

Nos fundamentos linguísticos estabelecidos por Saussure (idem), o signo representa a autonomia e a ordem própria da língua, pela arbitrariedade que lhe é característica. Para Ferdinand de Saussure, a unidade linguística é vista como um fenômeno que resulta da junção de dois elementos que se unem por meio de um conceito, o significado, e de uma imagem acústica, denominada<sup>5</sup> significante. Num sentido geral, o conceito é, em certa medida, mais

---

mesmas ideias. Este fato é ratificado por Bakhtin quando, na entrevista com Duvakin (2012), assegura que teve notoriedade somente em círculos muito restritos tendo ao seu redor um círculo chamado de ‘o Círculo de Bakhtin’, onde inclui Pumpianski, Medvedev, Pavel Nikolaevich, Volochínov.

<sup>5</sup> Siblot (1998) estabelece distinção entre os termos denominação e nomenclatura/nomeação. Por um lado, os dois últimos apontam para o posicionamento de quem nomeia em relação a quem ou o que é nomeado, o que define o



abstrato que a imagem acústica, uma vez que esta é uma representação sensorial, não sendo, portanto, um som material ou físico; ou seja, distingue-se da palavra pronunciada, dos grafemas e fonemas que o compõem, pois mesmo que não seja dita, mentalmente a palavra existe.

Signo é definido, assim, como o resultado da relação entre significante e significado, sendo tal relação determinante para que a uma palavra dada se tenha um conceito subjacente e este esteja, de qualquer forma, relacionado à imagem acústica – ou vice versa – dados por convenção, mesmo não havendo qualquer ligação entre significado e significante. É o princípio da arbitrariedade do signo, pois Saussure (*idem*) destaca que o laço que une um e outro é arbitrário. Além desse princípio, o signo é conjugado a um outro, o da linearidade, que, em breves palavras, pode ser entendido como o significante, por ser de natureza auditiva, buscando-se na extensão do tempo o seu desenvolvimento e suas características. Os significantes acústicos representam uma extensão, sendo esta mensurável em uma só linha.

Sob outro fundamento, Volochínov (*idem*) afirma que a ideologia determina o signo, visto que sua constituição não independe de uma realidade material, mas reflete e refrata outras realidades. Os signos surgem e só podem existir na interação social e adquirem significação no interior de uma realidade material e concreta. Possuem indicadores valorativos que revelam e constituem o contexto social por onde circulam e tais indicadores são os espaços de luta em que ideologias diversificadas efetuam relações dialógicas e disputas entre si pelos sentidos. O signo possui, assim, um lugar próprio no universo da linguagem, por ser o elo entre a língua e a realidade sóciohistórica, mediadas pela ideologia (VOLOCHÍNOV, 1997, p. 31-38).

A ideia de signo lançada por Saussure (*idem*) é refutada por Volochínov (*idem*), que não aceita a linguagem apenas como um conjunto de formas, os signos, e suas regras de combinação, a sintaxe. O significado, conceito, para Saussure, é, em certa medida, uma impossibilidade teórica para o pensamento bakhtiniano, se levado em conta o enunciado, por ser ele o próprio agir dos indivíduos nas relações históricas e sociais que o constituem. Em seu exame sobre as implicações do estatuto ontológico do sujeito no pensamento dos dois autores russos, Pires e Sobral (2013) lançam a questão de “que sem determinar o estatuto do sujeito que enuncia, não é possível compreender o que ele enuncia nem seu ato de enunciar”

---

nomeador como imagem de referência, objeto discursivo. O termo denominação, por outro lado, relacionado às ocorrências lexicais, marca a fixação do sentido na língua, sua reificação no significante e idealização como significado. Na denominação, aparta-se o sentido das interrelações semânticas e ele é visto como essência conceitual. O termo aqui empregado não foi em vão, pois consideramos que Saussure tenta agir linguisticamente de modo a tornar seus conceitos em essências, especialmente porque trabalha com a língua extraída das situações de uso.

visto que “o sentido nasce da enunciação, e não das formas da língua” (PIRES e SOBRAL, 2013, p. 3).

A cada signo, um significado, estabelece a linguística estruturalista, mas entendemos que um signo não possui um único significado, visto que pode abarcar diversas significações, tantas quanto forem possíveis as situações reais em que indivíduos situados social e historicamente venham a utilizá-lo.

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (VOLOCHÍNOV, 1997, p. 34).

Na interação, os significados da língua são constantemente atualizados, ganham nova roupagem, ressignificam-se. Daí a restrição a uma teoria estruturalista que designa único significado para cada signo. Em nosso entendimento, uma diferença fundamental entre as teorizações saussureanas e bakhtinianas está na criação do objeto de estudo que, a partir da perspectiva adotada, configurou: uma língua estática, no pensamento saussureano – estabelecendo-se a arbitrariedade e a linearidade, princípios que postulam a imutabilidade do signo, visto decorrerem da visão de instrumental técnico; e uma língua dinâmica, no pensamento bakhtiniano – gerando-se a possibilidade de se investigar dimensões além da forma e de suas combinações. Forma e uso, língua e linguagem: na dinamicidade do seu uso, a língua apresenta diferenças significativas do seu modelo teórico.

Nas formulações teóricas da ADD, o objeto é a linguagem e não, apenas, a língua, e, portanto, o signo não é a unidade básica, mas, sim, o enunciado. No enunciado, há interlocução, a presença de enunciador e enunciatário, o que está totalmente ausente do signo, como teorizado por Saussure (idem), que, sendo parte de um construto teórico, prescinde dos indivíduos reais do discurso e da interlocução. A realização histórica é determinante para o enunciado, pois ele tem uma localização espaço-temporal determinada, é produzido por sujeitos históricos, situados num determinado tempo e espaço, sendo por isso mesmo único e irrepitível.

No pensamento dialógico, o enunciado é um acontecimento e não apenas um conceito formal, pois cada um deles é um novo e irrepitível ato histórico que nos confronta com uma situação histórica e indivíduos específicos, aspectos culturais compartilhados e a necessária abertura para o diálogo. É o círculo do dialogismo, onde se pode ver um diálogo chamando o outro, ou para responder a um ou para convocar outro que o poderá responder. Conseqüentemente, a concepção de linguagem, na teoria dialógica, tem por unidade básica o

enunciado, visto que a linguagem tem existência num complexo e ininterrupto sistema de diálogos, ainda que sejam constituídos por enunciados diferentes.

A questão do enunciado, que funciona como um diálogo, é tratada sob a ótica de que todo enunciado convoca a presença de destinatários. Em Bakhtin (2000a), esses destinatários são descritos como: o segundo do diálogo, pois “o enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior o menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2000a, p. 356) e o terceiro, o superdestinatário<sup>6</sup>, um destinatário superior, o terceiro do diálogo, pois “o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado” (BAKHTIN, 2000a, p. 356).

Esse terceiro é o que o enunciator considera o destinatário ideal, com uma compreensão responsiva igualmente ideal, pois interpreta o que o falante quis dizer. Assim, o superdestinatário modela as palavras do falante, uma vez que todo diálogo ou todo discurso está direcionado a um outro, que, de alguma maneira delimita o discurso de quem fala com seu posicionamento valorativo. Ou seja, os enunciados são construídos com base em referências axiológicas, soma de valores que, de forma paradoxal, ajudam na consistência do que se diz e na coerência do que se defende. A imagem desse terceiro do diálogo é construída a partir desse somatório de valores.

Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência, etc.). O autor nunca pode entregar-se totalmente e entregar toda a sua produção verbal unicamente à vontade absoluta e definitiva de destinatários atuais ou próximos [...] e sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância de compreensão responsiva que pode estar situada em diversas direções. Todo diálogo se desenrola como se fosse presenciado por um terceiro, invisível, dotado de uma compreensão responsiva, e que se situa acima de todos os participantes do diálogo (os parceiros).” (BAKHTIN, 2000a, p. 356)

Em seu estudo sobre a construção do enunciado, Bakhtin (idem) observa que neste estão relacionadas dimensões que se distinguem, mas ao mesmo tempo se complementam, sendo elas, de um lado, a configuração técnica, linguística do texto e de outro, o exterior da língua, que ascende ao plano da linguagem. Denomina a isto de bipolaridade, nestes termos:

<sup>6</sup> Preservamos o termo como consta na tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira (2000), feita a partir do francês, a qual estamos referenciando neste estudo. Na tradução de Bezerra (2016), do russo para o português, o termo é supradestinatário.

Bipolaridade do texto. Cada texto pressupõe um sistema compreensível para todos (convencional, dentro de uma dada coletividade) – uma língua (ainda que seja a língua da arte). Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural (não pertencente à esfera do signo) [...] Qualquer texto (tanto oral como escrito) comporta, claro, grande quantidade de elementos heterogêneos, naturais, primários, alheios ao signo e que escapam ao campo das ciências humanas (à análise linguística, filológica ou outra) e que, não obstante, a análise leva em conta [...] Não há textos puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam chamar técnicos [...] (BAKHTIN, 2000a, p.331)

Dessa forma, Bakhtin (idem) reforça a ideia de que tudo quanto se refere à língua é o repetível, o recorrente, o reproduzível, aquilo sem identidade autônoma, que podem ser os fonemas, os grafemas, as palavras dicionarizadas, a sintaxe, os signos, enfim, e suas regras de combinação. As mesmas palavras componentes do vocabulário da língua, as mesmas metáforas, as mesmas construções sintáticas participam de enunciados diferentes e isto se limita às fronteiras da língua, ao estrato instrumental da linguagem.

Entretanto, um enunciado é caracterizado pelo que ele diz efetivamente, em situação, momento e destinatário específicos que caracterizam sua produção e recepção, ainda que sejam utilizadas palavras outras tantas vezes usadas, pois o contexto da enunciação é outro. Em suma, o repetível, a palavra dicionarizada participa de enunciados diversos, mudadas as situações de enunciação, pois a situação confere à palavra sentidos diferentes em cada enunciado em particular e isto se constitui no irrepetível.

Para que sejam construídos os enunciados, outros fenômenos entram na cena enunciativa, sendo tais fenômenos distinguidos por Volochinov (idem) como tema e significação. No plano da língua, está a significação referindo-se ao repetível, reiterável. Os verbetes de dicionário ficam nesse plano, por haver um compartilhamento social de sua significação, possibilitando a comunicação entre os indivíduos e a continuidade, a estabilidade da língua. O tema está em outro plano, do irrepetível, da singularidade, pois em cada enunciado ele é único, correspondendo a uma significação ampla daquele enunciado. O tema engloba diversos elementos que não estão na ordem da língua e, por isso mesmo, é impossível de ser amplamente delimitado e jamais se repetirá em uma outra enunciação.

Um enunciado é a própria língua-interação, o processo de interação eu-outro, em que a existência do Eu só ocorre pela interação com o Outro. É o dialogismo bakhtiniano, onde o Eu precisa da presença do Outro para se constituir. De certa maneira, o enunciado mantém uma dialética entre significações cristalizadas e a novidade do tema, pois o velho e o novo entram em luta em cada enunciado. Não se pode negar que herdamos significações ao aprender a usar uma língua, seja materna ou estrangeira, no decorrer da vivência social. Seria o velho, em sua

estabilidade de ferramenta técnica, que nos permite saber sobre essa língua. Em compensação, o novo se revelaria pela originalidade de cada ato histórico na situação de enunciação.

Uma vez que o indivíduo necessita do Outro, tanto ética como esteticamente, como depreendido do manuscrito de Bakhtin ([1920/1930] 2000b), *O autor e o herói* – texto de arquivo, não retomado pelo autor –, há um destaque, portanto, para a interação e esta é vista como variável, a partir da situação, do espaço, do tempo, enfim, do que Bakhtin (2000b) nomeia cronotopo e o movimento gerado pela relação entre essas partes. Gradualmente, Bakhtin faz a opção pelo conceito de dialogismo e diálogo, pois para ele o dialogismo é vivencial. Como já dito, o enunciado é a unidade real da língua, no jogo do diálogo. O diálogo entendido como a interação de, no mínimo, duas enunciações.

No desenrolar deste tópico foi traçado, de forma breve, um percurso descritivo sobre uma verdadeira mudança de paradigma, do signo em Saussure (idem) para o enunciado em Bakhtin (2000a) e Volochínov (idem), como unidade da língua, o que mostra perspectivas diferentes sobre objetos de estudo também diferentes: língua e linguagem, respectivamente. E, assim, temos, de um e de outro lado, imanência e interação como pilares dos objetos de estudo.

Nossa filiação à perspectiva bakhtiniana nos impulsiona a ver a linguagem sob o domínio da interação, conceito fundado na heteroglossia; ou seja, no aglomerado heterogêneo e múltiplo de vozes sociais que povoam a consciência humana. A interação é central na concepção de linguagem dos autores russos, por ser a linguagem inter-ação, como se tem em *Marxismo e filosofia da linguagem*, no conhecido trecho em que Volochínov (idem) apresenta a palavra como comportando duas faces, sendo determinada porque procede de alguém e por se dirigir a alguém. Ou seja, a palavra é o produto da interação entre o locutor e o ouvinte (VOLOCHÍNOV, 1997, p. 113) e por isso ela constitui a realidade fundamental da língua.

Entretanto, a interação não está reduzida ao diálogo, num sentido restrito, e, por isso mesmo, deve ser tomada em uma concepção ampla, que envolve a comunicação verbal, qualquer que seja. Retomando o já dito sobre o signo, em Volochínov (idem), sendo a palavra ideológica por natureza, ela comporta apreciações, de modo que a interação é um processo dinâmico onde há o embate de posicionamentos axiológicos. A interação é o diálogo contínuo, resultado desse embate, gerador da natureza da linguagem. O viver requer tomada de posições, em que os indivíduos se inserem num sistema de valores e, a partir deles, respondem valorativamente.

Para que elementos tão ‘heteróclitos’ fossem passíveis de investigação, pensadores russos constituíram um objeto próprio de estudo e lançaram a proposta de uma disciplina que comportasse tal objeto. É sobre esse posicionamento epistemológico, um pilar da teoria dialógica, que refletiremos no próximo tópico.

## 2. Um outro objeto, uma outra disciplina: a proposta de uma translinguística<sup>7</sup>

Uma investigação sobre os fundamentos teórico-epistemológicos da obra bakhtiniana sempre mereceu observação criteriosa em várias frentes, que incluem o estudo da historiografia da obra, em suas condições de produção, subsumidas na realidade política da então União Soviética, da década de 1920, uma análise criteriosa das versões traduzidas da obra, escrita originalmente em língua russa, e dos modos peculiares como algumas noções foram traduzidos em diferentes línguas ocidentais, seja em inglês, francês ou português, bem como da circulação e interpretação dessas traduções no próprio contexto ocidental.

Tais critérios são sintetizados por Brait (2010), no texto fundador, *Análise e teoria do discurso*, no qual assinala o nascimento de uma teoria/análise dialógica do discurso, perspectiva motivada pelo conjunto da obra dos estudos dialógicos, de autores russos, descritos como pensamento bakhtiniano.

Sem prescindir de tais elementos, que podem ser determinantes para algumas linhas de pesquisa, é possível alcançar a compreensão sobre noções específicas, dentre as elaboradas sobre a linguagem, a exemplo das concepções de dialogismo, polifonia, heteorglossia, discurso, enunciado, gênero e que contribuem para os estudos, baseados nas obras<sup>8</sup> *A palavra na vida e a palavra na poesia*, 1926; *O freudismo: um esboço crítico*, 1927; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, 1929 de Volochínov; *Problemas da poética de Dostoiévski*, 1929; *Estética da criação verbal*, 1979, de Bakhtin; *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, 1928 de Medvedev, bem como para a renovação dos estudos sobre o fenômeno discursivo.

Dois aspectos, particularmente, interessam nessa teorização dos autores russos sobre a linguagem: i) a formalização de um objeto de estudo e de uma disciplina correspondente a ele para investigação da linguagem; ii) a rede conceitual que as obras apresentam, em sua contribuição para a arquitetura de uma ciência da linguagem, a translinguística, que daria

<sup>7</sup> Embora Bakhtin (1997) utilize o termo ‘metalinguística’, a nomeação ‘translinguística’, assinalada, entre outros, por Todorov (1981), Clark e Holquist (1998), Morson e Emerson (2008) e Faraco (2009), nos parece mais apropriada.

<sup>8</sup> A cronologia das obras citadas está de acordo com os estudos de Brait (2010) e Faraco (2009).

conta do fenômeno não investigado pela linguística, o discurso. Aquela ciência é delineada por Volochínov (idem), em *Marxismo e filosofia da linguagem* e por Bakhtin (1997), e em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, no capítulo “O discurso em Dostoiévski”, onde os fundamentos embrionários de um campo disciplinar são descritos pela primeira vez. Bakhtin (1988; 2000a; 2000c) também se refere de forma crítica à linguística, em vários ensaios: *O discurso no romance*, *Os gêneros do discurso* e em seus últimos escritos em *Estética da criação verbal*, o que certamente contribuiu para as formulações teóricas de constituição de uma possível disciplina, a translinguística.

No pensamento bakhtiniano, onde são incluídos, além de Bakhtin, Volochínov e Medvedev, é provável que a translinguística tenha sido constituída em contraponto à ausência das questões extralinguísticas, “não científicas”, na ciência formulada por Saussure (idem), a qual foi alvo de duras críticas de Volochínov, como já visto, neste estudo, com base, especialmente, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra que apresenta uma visão sociológica da linguagem, em oposição às duas orientações principais do pensamento filosófico-linguístico, o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, dominante naquele contexto.

No caso específico de uma teoria do discurso embasada pela filosofia bakhtiniana, conforme assevera Brait (idem), esta abordagem só pode ser apreendida pelo conjunto da obra dos autores russos. Entretanto, mesmo advogando uma disciplina específica para o estudo do discurso, Bakhtin (1997) não exclui a linguística para essa composição, ciência da qual poderiam ser aproveitados os resultados, como base para a translinguística, como assevera o pensador russo: “[...] as pesquisas metalingüísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar seus resultados [...]” (BAKHTIN, 1997, p 181). Conforme Brait (idem), a primeira referência à translinguística é formulada em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, dada por Bakhtin (1997).

Neste particular, é possível observar um ponto gerador de reflexões acerca da manutenção de uma área de estudo da língua e da linguagem restrita ao campo disciplinar da linguística; ou seja, a do aparato técnico da língua e da criação de outra área para a pesquisa específica sobre o discurso. Se, como fazer científico, haveria a necessidade de tal separação entre objetos teóricos e disciplinas, então, podemos afirmar, por esse fato, que os pensadores russos optaram por corte, a exemplo de Saussure (idem), na constituição do objeto de estudo da translinguística.

Contudo, o corte bakhtiniano não prescinde do sistema linguístico, do enunciado estabilizado, como o faz o corte saussureano com o discurso. Para Bakhtin (1997), ainda que

se separe a translinguística da linguística, é necessário o aporte e a aplicação do que chama de ‘resultados’ da linguística, em relação ao que ele se expressa, nos seguintes termos: “A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão” (BAKHTIN, 1997, p. 181).

Nessa relação incontestável de dependência entre a translinguística e a linguística, assumida por Bakhtin (1997), percebemos três prerrogativas. A primeira, a obrigatoriedade de um tratamento interdisciplinar para o estudo do objeto, o que indica a insuficiência tanto da linguística quanto da translinguística para entender o fenômeno. A linguística, com seus estudos sobre o instrumental técnico da linguagem, a língua, fornece subsídios limitados para as dimensões do discurso, que precisa da translinguística para que se investigue os sentidos, que resultam de elementos verbais e não verbais da enunciação, o que a base linguística não pode alcançar isoladamente.

Bem mais que uma visão interdisciplinar, talvez, o mais adequado fosse a proposição de um tratamento transdisciplinar nos estudos da linguagem, o que supõe o trabalho com determinada problemática, a partir da definição de um objeto único de estudo, em que tal objeto não seja propriedade de nenhuma campo disciplinar especificamente. Grosso modo, interdisciplinaridade pressupõe convergência, complementaridade, o que pode significar a combinação de noções teóricas e de metodologias e a mesclagem de áreas. Em geral, um trato interdisciplinar de um objeto possibilita a criação de novos campos do saber, que estarão propensos à disciplinarização. Quanto à transdisciplinaridade, pressupõe a mobilidade e a fluidez dos territórios das disciplinas, possibilitando a fusão entre esses territórios. De algum modo, a proposta de Bakhtin (1997) da interdependência entre metalinguística e linguística contempla as duas noções, inter e transdisciplinaridade.

A proposta da criação da translinguística não alcançou a formalização como disciplina, uma vez que nos estudos bakhtinianos temos reflexões epistemológicas acerca de um outro território de estudo, autônomo, em relação ao domínio da linguística, para estudar o discurso e não a identidade de uma disciplina caracterizada formalmente. Entretanto, no Brasil, a translinguística foi reconfigurada como campo de estudos do discurso, com a ADD, a qual vem a ser compreendida como uma área profícua para a problematização do objeto discurso, que, sem anular a linguística, a convoca para subsidiar, em certa medida, a análise de objetos discursivos.

Logo, a ADD, sem estar fenomenologicamente alocada em áreas afins das ciências humanas, evoca estas outras disciplinas para o mesmo ponto de análise, constituindo um



objeto teórico autônomo, próprio de uma abordagem dialógica, em sua natureza transdisciplinar. Para Amorim (2002), a questão da voz do objeto é decisiva, em ciências humanas, ao lembrar que Bakhtin (2000d) defende o objeto como o que distingue as ciências exatas das humanas, pois o objeto específico das ciências humanas é o discurso. É com o discurso de um sujeito produtor de discurso que lida a ADD, mas tal sujeito não é mudo, “consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.” (BAKHTIN, 2000d, p. 403).

Das formulações primeiras da translinguística, destinada a estudar o outro polo da linguagem recortado da linguística, com objeto e metodologia teórico-analítica autônomos<sup>9</sup>, temos o embrião do que se entende na atualidade como teoria dialógica do discurso. Perspectiva constituída de um aparato teórico subsidiado por concepções bakhtinianas, como exposto, sobre as quais serão feitas algumas reflexões mais específicas, na descrição de noções incorporadas por tal perspectiva de análise do discurso, no próximo tópico.

### 2.1 Da translinguística à análise dialógica do discurso

Neste tópico, tecemos considerações sobre o objeto de estudo da translinguística e da ADD, as relações dialógicas, construído pelas noções da teoria bakhtiniana, na tentativa de refletir sobre as potencialidades dessas noções como objeto teórico, para análise das práticas de linguagem. É uma tentativa de descrição e compreensão dos enquadres teóricos para a composição de suportes analíticos, especialmente com relação à concepção geral de linguagem em suas correlações com outras noções teóricas que a sustentam.

Como já visto anteriormente, em obras de Bakhtin (1997; 2000a; 2000c), respectivamente, *Problemas da poética de Dostoiévski* e nos escritos tardios reunidos em *Estética da criação verbal – O problema do texto e Apontamentos –*, há a designação do objeto da translinguística, que são as relações dialógicas e a palavra bivocal.

A metalingüística se interessa pelas diversas formas e graus de alteridade da palavra do outro e pelas diversas modalidades do comportamento que lhe é reservado (estilização, paródia, polêmica, etc.). Os diferentes meios empregados para sua exclusão da existência verbal. Todos esses fenômenos e processos (entre os quais figura igualmente o processo secular de exclusão da palavra do outro sacralizada) encontram seu reflexo (seu sedimento) nos aspectos lingüísticos da língua, em particular na estrutura sintática e léxico-semântica das línguas modernas. (BAKHTIN, 2000c, p. 372)

<sup>9</sup> A autonomia do objeto de estudo da translinguística em relação à linguística será descrita no diagrama 1, exposto na página 19, mas já nos referimos a esse objeto, em contraponto ao recorte saussureano. Indicamos que o objeto da translinguística é o discurso, ou mais especificamente, as relações dialógicas. A autonomia quanto à metodologia está na ausência de métodos pré-definidos e a consequente abertura para metodologias que decorrem do tratamento dado a cada *corpus* de pesquisa, em particular.

Os fundamentos desses estudos constituem os objetos teóricos, sendo perceptível, por meios desses objetos constituídos nos textos sobre filosofia e estética, um percurso que se estende de uma filosofia da linguagem e uma sociologia da palavra para uma visão translinguística da linguagem; ou seja, uma visão para além da linguística. Mesmo naquele momento inicial, quando a linguística foi constituída como uma ciência positivista, autores russos já pensavam na necessidade de um território disciplinar que ultrapassasse os estudos históricos da linguística na investigação sobre a linguagem. Era o nascimento de uma visão dialógica da linguagem.

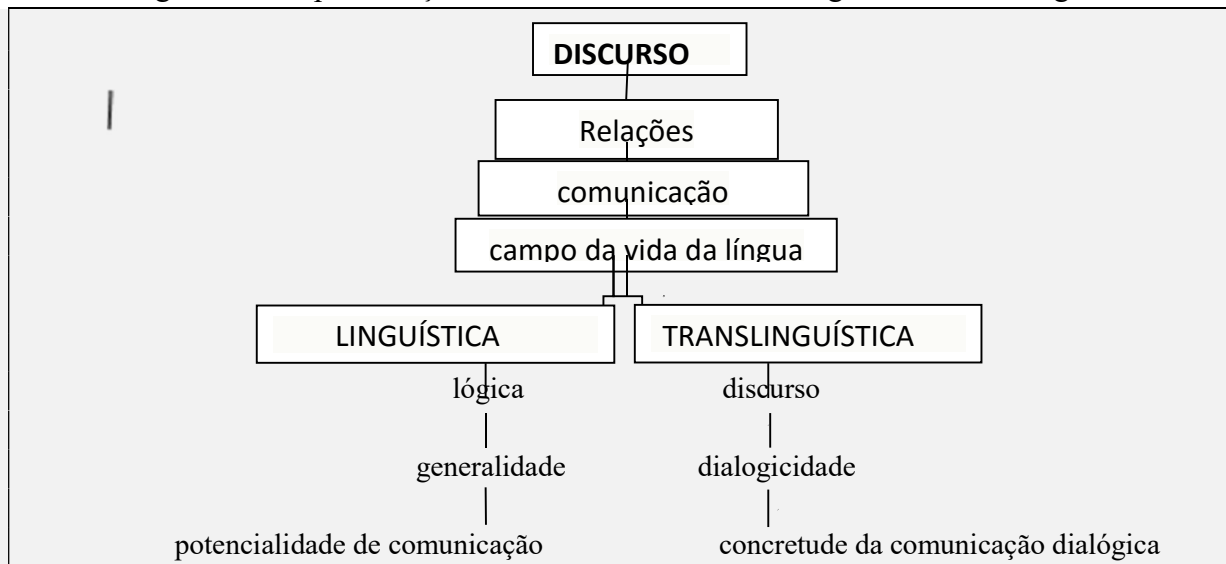
Nessa concepção dialógica, aspecto importante a ressaltar é o da evolução dos estudos sobre o diálogo como arquitetura de sustentação da translinguística e de sua orientação filosófica, a partir da filosofia marxista da linguagem empreendida por Volochínov (idem), em sua relação com o problema do diálogo. O capítulo 9 de *Marxismo e filosofia da linguagem*, que trata do discurso de outrem e os capítulos 10 e 11 da mesma obra, que versam sobre as formas do discurso citado, mostram a preocupação com a temática do diálogo, e com as relações entre a sociologia da palavra e a translinguística; e, por último, as relações da translinguística com a linguística.

Volochínov (idem) compreende o discurso como uma construção social e nisso reside a importância do discurso do outro, visto que os discursos direto, indireto e indireto livre são parte do universo enunciativo do indivíduo e se constituem em problema fundamental para o estudo do diálogo. Uma língua é reflexo das relações sociais dos seus usuários, considerando-se o seu contexto sociohistórico e, por isso, para o teórico russo, o discurso é o ponto central da enunciação de outrem, por ser ideologicamente significativo.

Todo esse escopo teórico engendrado por tais estudos forneceram as bases seminais para a translinguística proposta por Bakhtin (1997) e, conseqüentemente, para o que se entende, na atualidade dos estudos brasileiros do discurso, como aparato teórico-metodológico de uma abordagem dialógica da linguagem, a ADD.

Sem abandonar as contribuições da linguística ou os seus ‘resultados’, como resalta o próprio Bakhtin (idem), mas voltando-se sempre para a tensão na região fronteira em que linguística e translinguística atuam, pois “na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência.” (BAKHTIN, 1997, p. 181), as concepções sobre a linguagem e o tratamento teórico-analítico que propõe na investigação sobre o discurso são embrionariamente expostas por Bakhtin (idem), em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, como visto, as quais são sintetizadas no diagrama 1, a seguir.

Diagrama 1 – Aproximações e distanciamentos entre linguística e translinguística



Elaboração da autora

Fonte: Problemas da poética de Dostoiévski

No diagrama 1 são expostas, em linhas gerais, as interconexões entre linguística e translinguística, ao tempo que também são apontadas as distinções entre os dois campos disciplinares quanto a seus objetos teóricos, com suporte no que está posto no estudo *Problemas da poética de Dostoiévski*. No diagrama 1, observamos que a operacionalização da concepção de discurso depende de outra concepção, a de relações dialógicas, as quais só existem no discurso. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, o discurso é definido como a “língua enquanto fenômeno integral concreto” e as relações dialógicas como um processo que ultrapassa o nível da língua, pois é “precisamente a comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem” (BAKHTIN, 1997, p. 183). Intrinsecamente ligadas à noção de relações dialógicas, estão as de enunciado e o de posicionamento axiológico, como asseverado no trecho a seguir:

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 1997, p. 183).

No capítulo destinado à conceitualização e ao desenho da translinguística como uma disciplina destinada a analisar o discurso, O discurso em Dostoiévski, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, é evidente o posicionamento de Bakhtin em manter as bases de

análise da linguística, pois esta, assegura o teórico, também estuda o discurso, mas por uma via diferente da translinguística, vista, até então, como um estudo não formalizado como campo disciplinar, que estudaria os aspectos da vida do discurso, os quais ultrapassam as possibilidades do modelo analítico da linguística (BAKHTIN, 1997, p. 181).

Na ligação inevitável entre as duas disciplinas, Bakhtin (idem) afirma que elas devem se complementar, mas jamais fundir-se, ressaltando, que, na prática – talvez numa prática investigativa, ao serem tomadas como modelos analíticos – os espaços entre elas são des/reterritorializados. É a partir deste ponto que podem ser tecidas as considerações sobre a rede conceitual que sustenta o objeto de estudo, o discurso, pela elaboração das noções teóricas de Bakhtin, no ajustamento entre objeto e modelo analítico da linguística e das reflexões desencadeadas pela translinguística, projetando o potencial analítico do sistema conceitual de Bakhtin e Volochínov para o que se faz hoje em ADD.

O diagrama 1 resume a ideia de que o discurso é o objeto formal constituído para o estudo do fenômeno da linguagem, para o qual se dirige o pensamento bakhtiniano. Investigado no trajeto das relações dialógicas, as condições para o estudo daquele objeto são geradas na análise da língua vivida no meio social, vindo deste fato, a separação inevitável entre linguística e translinguística, por sua divergência epistemológica no trato com a língua e com a linguagem.

Na abstração, na virtualidade que é a língua para a linguística, a logicidade determina o percurso da investigação, a fim de que sejam formuladas as generalizações sobre uma comunicação potencial. O caráter social da língua, como manifestação da linguagem, matéria-prima da translinguística, estabelece as coordenadas para a investigação sobre o discurso, por meio do dialogismo que lhe é próprio, para se analisar a realidade da comunicação dialógica.

Outras obras produzidas pelos teóricos russos nos dizem sobre a pertinência dos estudos da linguagem. Embora a preocupação com este fenômeno em *Para uma filosofia do ato responsável*, escrito por Bakhtin (1993), manifeste-se de maneira secundária e atrelada a reflexões éticas e filosóficas, a obra concebe a linguagem como atividade, não como instrumental técnico, sistema abstrato. Seu vínculo é com a vida e, por isso mesmo, sua existência é concreta: está relacionada ao ‘evento do ser’ e ao ‘evento único do ser’, aos atos singulares praticados. A linguagem é composta por acentos apreciativos, traz consigo o posicionamento valorativo e emotivo-volitivo dos indivíduos, em sua ligação com o objeto discursivo.

Já a linguagem poética e cotidiana é a pauta das reflexões em *Discurso na vida e discurso na arte*, no qual Volochínov (1926) reforça a indissociabilidade entre a linguagem, o

enunciado, e os cenários sociais, sejam estes amplos ou específicos, nos quais os interlocutores compartilham do mesmo horizonte cronotópico, de conhecimentos sobre a situação e de juízos de valor e avaliações.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, há a distinção entre língua, vista como sistema abstrato e linguagem, como enunciado concreto. Isto é feito quando o pensador russo também distingue certas noções teóricas, a exemplo de tema e significação, signo e sinal, além de outras. Nas distinções que estabelece, Volochínov (1997) atribui aos enunciados, a singularidade, a plurivalência, a concretude e a irrepetibilidade da linguagem e, ao sistema da língua, a reiteração, a abstração, a univocidade, a estrutura e a previsibilidade da língua.

O enunciado é visto como elemento da comunicação em associação com a vida, sendo, portanto, um evento social e não limitado a abstrações. Volochínov (1997) explica que, mesmo que se lance um olhar objetivo para a língua, jamais será encontrado, unicamente, um sistema de normas imutáveis, “pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua” (VOLOCHÍNOV, 1997, p. 90), ainda que para os usuários de uma língua tal sistema pareça imutável e suas normas fixas. Ocorre um processo ininterrupto de transformações linguísticas, que escapam ao registro dos usuários. É nesse jogo de percepções que nos apoiamos na ideia de que para os teóricos russos, a língua é previsível, em alguma medida, enquanto a linguagem, sob a ótica do enunciado, é irrepetível.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, obra na qual a linguagem é estudada sob uma dimensão discursiva, Bakhtin (1997) reforça a produtividade a ser potencializada na manutenção das relações entre translinguística e linguística. Ressalta, porém, que, tendo cada uma seu objeto próprio de estudo, o tratamento a ser dado é de repetição e não de junção entre esses campos de estudo, uma vez que as relações dialógicas são de domínio investigativo da translinguística e a estrutura linguística, da linguística.

No ensaio *O discurso no romance* Bakhtin (1988) detalha noções teóricas que enriquecem a concepção de linguagem: heterodiscurso, plurivocalidade, pluridiscursividade. Como já dito, o teórico russo advoga que uma língua só se realiza pela enunciação, que envolve a matéria linguística e o contexto social no qual o enunciado se manifesta. Em decorrência, o discurso é um fenômeno social, nas suas mais diversas esferas de existência atraindo para a sua estrutura sintática e semântica, vozes e discursos outros, também, situados social e ideologicamente, mas que, ao se constituírem em discurso citado mantêm, em alguma medida, sua forma e conteúdo. É o dialogismo bakhtiniano, revestido de significações mais complexas quando relacionado à literatura, em especial, na questão do discurso no romance.

É quando Bakhtin (1988) toma o romance, em seu conjunto, como um fenômeno pluriestilístico, pois nele há o encontro harmonioso de unidades estilísticas heterogêneas. Nesse ensaio, o pensador também fala do discurso na vida e da transmissão dele e em várias esferas ou campos – da religião, da retórica, da ética, das ciências matemáticas e humanas, entre outros. A plurivocalidade também está presente no romance, por conter diversificadas vozes sociais – dialetos, maneirismos, jargões e outras ocorrências linguístico-discursivas que revelam faixas etárias, gerações, sexo, etc. – que permitem ao romance organização e desenvolvimento de seu tema. Portanto, são os diferentes discursos – autor, narrador, personagens e outros –, que permitem o plurilinguismo no romance.

É por meio dessas noções que compreendemos que diferentes estratificações, a social, a ideológica, a intencional e a valorativa caracterizam todas as linguagens, seja a do romance, seja a da vida cotidiana. Essas estratificações estão fundadas nas relações dialógicas cruzadas nas vozes sociais e ideológicas representadas esteticamente e, também, no tensionamento entre as forças centrípetas, de centralização e nas forças centrífugas, de descentralização, que operam sobre as ideologias e sobre as línguas.

Em *O discurso no romance*, há o esclarecimento de que as vozes mantêm um elo comum, por serem pontos de vista específicos, possuindo formas e perspectivas específicas que podem estabelecer relações dialógicas umas com as outras. Há, assim, na obra, o desdobramento da característica dialógica da linguagem, com a reafirmação de que o discurso tem sempre uma orientação com vistas ao alcance de um objeto constituído por discursos de outros; de um já-dito e de uma resposta prévia de seus interlocutores.

Desta distinção entre a linguística e translinguística – que, ao mesmo tempo, aponta para uma complementaridade – é construída uma valiosa rede conceitual instaurada pelos teóricos russos para estudar o discurso como objeto formal, a partir do que os pensadores estabelecem a relação entre linguagem e interação. Nessa teia conceitual, a questão do valor, do acento apreciativo, enfim, da axiologia, é elemento vital no objeto de estudo ‘relações dialógicas’ e, por isso, diversas considerações são dedicadas a essa concepção, que se desdobra numa rede de reconfigurações teóricas. Com o estabelecimento desse objeto, os estudos linguísticos, sob o escopo da translinguística e, mais recentemente, sob a perspectiva teórica da ADD, alcançam o discurso como objeto teórico e se voltam para seu potencial analítico.

Referências

- AMORIM, Marília. *Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas*. Cad. Pesqui. [online]. n.116, p. 7-19, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/Acesso> em 20 de jun. de 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto. In: *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2000a, p. 327-358.
- \_\_\_\_\_. O autor e o herói. In: *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2000b, p. 23-220.
- \_\_\_\_\_. Apontamentos. In: *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2000c. p. 369-397.
- \_\_\_\_\_. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1959-61/2000d.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato*. Trad. da ed. Americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.
- \_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética*, v. 3, p. 71-210, 1988.
- BEZERRA, Paulo. Posfácio: no limiar de várias ciências. In: *Os gêneros do discurso*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 151-170.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-31.
- CÂMARA JR., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin* (1984). Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- DUVAKIN, Viktor. *Mikhail Bakhtin em diálogo*. Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Ed. da USP, 2008.

OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

PIRES, Vera Lúcia; SOBRAL, Adail Ubirajara. *Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do círculo de Bakhtin, Medvedev, Voloshinov*. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso. ISSN 2176-4573, v. 8, n. 1, p. Port. 205-219/Eng. 207-220, 2013.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística* (trad. Luiz Martins Monteiro de Barros). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, [1916]1995.

SÉRIOT, P. Vološinov, la philosophie de l'enthymène et la double nature du signe. Préface a Marxisme et philosophie du langage. *Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe para Patrick Sériot et Inna Tylkowska-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010.

SIBLOT, Paul. De l'un à l'autre. Dialectique et dialogisme de la nomination identitaire. In: BRES, Jacques; DELAMOTTE-LEGRAND, Régine; MADRAY-LESIGNE, Françoise; SIBLOT, Paul (Eds). *L'autre em discours*. Publications de l'Université Paul Valéry – Montpellier, 3, 1998.p. 27-43.

TODOROV, T. *Mikahil Bakhtine: le principe dialogique suivi de écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, [1929]1997.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, M. M. *Discurso na vida e discurso na arte*. Sobre poética sociológica. Trad. do inglês: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para fins didáticos. [Links], 1926/1976, p. 6-14.

Artigo recebido em: 15/05/17

Artigo aceito em: 19/06/17